



As várias vozes no filme *Frankenweenie*: a polifonia no discurso cinematográfico¹

Lucila Jenille Moraes VILAR²

Wellington LIMA³

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará

Resumo

O presente artigo é resultado da disciplina Comunicação e Teorias da Linguagem do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará. Tem como objetivo fazer uma análise do discurso produzido pelo filme *Frankenweenie*, de 1984. Para fazer essa análise utilizamos conceitos do teórico Michael Bakhtin, como: polifonia, heterogeneidade e dialogismo.

Palavras-chave: polifonia; heterogeneidade; cinema.

Introdução

Pensar sobre a polifonia bakhtiniana inclui vislumbrar a complexidade de se entender a formação do discurso. Um bom exercício para trabalhar tal assunto é a análise do filme de 1984, *Frankenweenie*, onde as várias vozes do discurso cinematográfico podem ser percebida de maneira clara. A película que estará no foco da análise é em preto e branco e tem a duração de quase 30 minutos. Foi produzida pelos estúdios Walt Disney e é o segundo filme da carreira do diretor Tim Burton.

Muito mais que um filme dos estúdios Disney, *Frankenweenie*, é um ótimo exemplo de polifonia pensada por Bakhtin, uma vez que o filme apresenta uma releitura de um clássico cinematográfico o longa *Frankenstein* de 1931, do diretor James Whale e retoma temas conflitantes, como: amizade, companheirismo, morte.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo do ILC-UFPA, e-mail: lucilavilar@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo do ILC-UFPA, e-mail: scanwellington@yahoo.com.br

Sobre a história

Na releitura de Burton⁴, no lugar do monstro do doutor *Frankenstein* está Sparky, o cachorro do menino Victor *Frankenstein* que morreu atropelado na porta de casa. Após uma aula de ciências, Victor tem a idéia de ressuscitar o cão através da aplicação de energia elétrica. O plano do garoto funciona e Sparky volta a vida. Contudo, os vizinhos acabam perseguindo Sparky e o cãozinho quase tem um final muito triste. A película de Burton é baseada no longa *Frankenstein*, de 1931, que por sua vez é baseado na peça teatral homônima dos anos de 1920 atribuída à Peggy Webling, que por sua vez é baseada no romance de terror gótico da escritora britânica Mary Shelley. O romance relata a história de Victor Frankenstein, um estudante de ciências naturais que constrói um monstro em seu laboratório. Mary Shelley escreveu a história quando tinha apenas 19 anos, entre 1816 e 1817, e a obra foi primeiramente publicada em 1818.

A imagem que hoje se tem do monstro de cabeça chata, eletrodos no pescoço e movimentos pesados e desajeitados é resultado da adaptação feita pela Universal Pictures, dirigida por James Whale, com Boris Karloff como o Monstro.

Os personagens principais da trama:



Fig.1:Sparky

⁴ Em 2010 o diretor decidiu transformar o curta em um longa, utilizando a técnica do stop-motion, que utiliza a disposição seqüencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular o seu movimento. Além disso, a nova versão do filme terá cenas em 3D. *Frankenweenie* está nos extras do dvd de O Estranho Mundo de Jack (1993) e também pode ser encontrado para download na internet.



Esse é o melhor amigo do garoto Victor, que fatalmente é atropelado por um carro e acaba morrendo. Quando ele é ressuscitado parece não desenvolver comportamento agressivo, mas não é bem aceito pela sociedade, por ter a aparência de "um monstro".



Fig. 2: Victor Frankenstein

O garoto de 11 anos é comunicativo e gosta de fazer filmes caseiros com o seu melhor amigo o cão Sparky. Contudo, após a morte do animal o garoto fica muito triste e desmotivado. Após ter uma aula de ciências ele percebe que pode dar a vida novamente ao seu animal de estimação e começa a construir um laboratório no sótão de sua casa. A experiência é bem sucedida e Sparky ressuscita. Mas a vida de Victor não volta ao normal, uma vez que a sociedade não aceita a nova fisionomia do cachorro.

Dialogismo: fonte de entendimento do discurso

A autora Maria Leticia Rechdan em seu artigo *Dialogismo ou Polifonia?* Traz importantes conceitos de Bakhtin para compreender a Análise do Discurso, a autora utiliza esses conceitos para analisar um artigo do Jornal Folha de São Paulo, o primeiro conceito utilizado por ela é a de enunciação:

“Segundo Bakhtin (1992), a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, pois sua natureza é social. A enunciação não existe fora de um contexto sócio-ideológico, em que cada locutor tem um “horizonte social” bem definido, pensado e dirigido a um auditório social também definido. Portanto, a enunciação procede de alguém e se destina a alguém. O sentido da enunciação não está no indivíduo, nem na palavra e nem nos interlocutores; é o efeito da interação entre o locutor e o receptor, produzido por meio de signos lingüísticos. A interação constitui, assim, o veículo principal na produção do sentido”.



O processo que ilustra o dialogismo enunciativo bakhtiniano é a relação entre recepção e compreensão, uma vez que nessa noção o locutor enuncia em função da existência de um interlocutor, requerendo deste uma resposta.

Segundo Bakhtin, o dialogismo é constitutivo da linguagem, pois mesmo entre produções monológicas (apenas uma voz) observa-se a relação dialógica. Para entender o dialogismo como uma ferramenta de análise devemos enxergá-la como enunciação ou seja um movimento de conversa entre o locutor e o interlocutor, algo que necessita de resposta para se concretizar.

O fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica. A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder a resposta, e assim ad infinitum. Ela entra num diálogo em que o sentido não tem fim. (Bakhtin, 1992:357).

Partindo desse pressuposto, *Frankenweenie* dialoga não apenas com as versões já produzidas para a história inicial de Frankenstein, mas também com temáticas que são despertadas por cada arquétipo construído na trama. Não é sem propósito que cada personagem, sejam os pais de Victor tentando fazer com que a sociedade aceite Sparky com sua nova aparência, seja Victor fazendo experiências para ressuscitar o animal. Cada personagem só apresenta algum sentido para quem os vê porque dialoga com o cenário, a trilha sonora e, principalmente, com os outros personagens.

Dentro do universo do dialogismo, a Heterogeneidade é uma característica fundamental. Esse princípio revela que nenhum discurso é original, puro. E é o fato de não ser puro que dá o caráter de "sempre em construção" do discurso. A Heterogeneidade pode ser constitutiva ou mostrada.

A Heterogeneidade Constitutiva é aquela que não está de forma evidente, explícita, clara no discurso. Já a Heterogeneidade Mostrada, como próprio nome referencia, é quando os discursos anteriores são percebidos claramente dentro do contexto dialógico.

Polifonia

Um grande "nó" no entendimento da teoria Bakhtiniana é a relação entre o dialogismo e a polifonia. Segundo o autor, todo discurso é dialógico. Essa característica é uma marca da linguagem. O dialogismo pode ser monofônico ou polifônico. Onde na monofonia

há a presença de uma voz dominante, e na polifonia há diversas vozes que interagem e constroem o discurso final.

A relação Polifônica e Heterogênea entre Sparky e Frankenstein



Os "monstros" de cada filme, Sparky e Frankenstein são parecidos apenas no que tange serem seres que adquiriram vida após uma grande carga de eletricidade. Frankenstein a criatura é tida como monstro, assassino, que é temido pela sociedade. Já na história do Sparky, o cãozinho (apesar da sua nova aparência), continua sendo o melhor amigo de Victor. Em *Frankenweenie* acontece adaptação de um conto de terror para a realidade infantil, do público alvo da Disney. Onde a alusão ao personagem animal, no caso o cachorro, como um dos protagonistas da história. Que é um fato que aparece com frequência nos filmes da Disney.

Cada personagem representa um arquétipo social que, por ser diferente de um padrão social, acaba não sendo aceito. Essa metáfora da não aceitação, do ser diferente é um discurso que está presente em diversas películas, contudo ele se torna latente num contexto exacerbado do caráter sobre humano dos personagens. Devido a essa característica (a sobre humanidade) as funções dos personagens ficam mais claras, mostradas. O fato demonstra a presença de uma heterogeneidade mostrada, que escancara as semelhanças e evidencia as diferenças.

O filme de Burton aborda a questão do diferente como algo que, a princípio, é não aceito, rejeitado, mas que após um breve período de convivência acaba sendo percebido como aspecto que não é importante de fato. Ao contrário do longa de 1931, onde o

"monstro" é algo que não pode se adequar, não pode ser aceito, justamente por ser monstro, e esse aspecto faz toda a diferença, tanto que o único final plausível para o personagem é a morte.

A relação Polifônica e Heterogênea entre Victor Frankenstein e Henry Frankenstein



No filme de Tim Burton percebemos de forma clara e objetiva como o seu discurso é construído de maneira dialógica com o longa Frankenstein (1931), vale lembrar que o diálogo existente não faz referência apenas a aspectos que são semelhantes, mas aos que destoam também. O primeiro aspecto que aparece no filme da Disney é a questão do nome, Frankenweenie faz alusão de forma muito clara ao filme Frankenstein. Esse fato explica (para as pessoas que conhecem, sabem de forma superficial a história de Frankenstein) que a alusão não é algo sem propósito.

No decorrer do curta diversas situações que estão presentes no filme de James Whale aparecem, mas não de maneira assustadora e sim de forma descontraída, engraçada. Os personagens principais utilizam o mesmo mecanismo para dar vida a um indivíduo, a energia, mas os motivos de cada Frankenstein são bem diferentes. O pequeno Victor, de 11 anos, utiliza o método para ressuscitar seu cão de estimação, seu melhor amigo. Já Henry Frankenstein quer realizar uma experiência, quer dar vida a um corpo feito com pedaços de vários corpos, não há relação afetiva entre ele e a "criatura".



Considerações finais

Mesmo levando em consideração que o longa *Frankenstein* é do gênero terror e o curta *Frankenweenie* é do gênero infantil deve-se entender a relação dialógica entre as produções que podem ser percebidas desde o nome dos filmes até o nome dos personagens. Além da adaptação das cenas mais “clássicas” de *Frankenstein* que são utilizadas de forma descontraída no filme *Frankenweenie*.

Percebemos que existe a polifonia entre a história do *Frankenstein* de 1931 e a do “cachorro *Frankenstein*” de Tim Burton. A história original “conversa” com o universo infantil, onde temas como: amizade; vida/morte e preconceito são abordados de maneira simplificada.

Muito mais do que entretenimento, *Frankenweenie* é um exemplo de como as várias vozes do discurso, podem interagir, recriar significados e continuar com uma voz predominante.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: **Estética da Criação Verbal**. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1996.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1995.

RECHDAN, Maria Letícia de Almeida. **Dialogismo ou polifonia?** Revista Ciências Humanas, Taubaté, v. 9, n. 1, jan./jun. 2003.

Site: <http://kriticinema.blogs.sapo.pt/90675.html>; visitado em 10/06/2010, às 13 horas.

Site: <http://freakburton.sites.uol.com.br/>; visitado em 10/06/2010, às 13 horas.